

O esquema imagético LIGAÇÃO como elemento básico na construção da metáfora: uma análise por meio de Blocos Construcionais

Ricardo Yamashita Santos
Marcos Antonio Costa

Submetido em 06 de novembro de 2012.

Aceito para publicação em 04 de abril de 2013.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 46, junho de 2013. p. 25-44.

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
- (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
- (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
- (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>
Sexta-feira, 14 de junho de 2013
23:59:59

O esquema imagético LIGAÇÃO como elemento básico na construção da metáfora: uma análise por meio de Blocos Construcionais

Ricardo Yamashita Santos¹
Marcos Antonio Costa²

RESUMO: O presente artigo tem por intuito propor uma análise da metáfora ancorada na proposta de Lakoff e Johnson de *Mente Corporificada* (LAKOFF; JOHNSON, 1999). De acordo com esse pressuposto teórico, nossa experiência com o mundo, por meio de nosso aparelho sensório-motor, possibilita-nos criar esquemas imagéticos, constituídos por meio da relação entre corpo e ambiente, e frames, constituídos por meio de nossas experiências em eventos culturais. Dentre os esquemas imagéticos que constituem a metáfora, o esquema LIGAÇÃO, por hipótese, parece-nos ser imprescindível para a sua construção. Iremos propor uma análise que envolva esse constructo teórico, observando poemas e músicas, além de alguns enunciados. Para essa análise, utilizaremos Blocos Construcionais (BCs) que são constituídos por determinados fragmentos do discurso.

PALAVRAS-CHAVE: metáfora; esquemas imagéticos; frames; corporalidade.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa em Linguística Cognitiva no século XXI tem dialogado cada vez mais com outras áreas do conhecimento científico. O que permite, em larga escala, esse diálogo é a concepção de que nossa mente é corporificada (LAKOFF, JOHNSON, 1999), proposta essa em consonância com as atuais pesquisas em ciências cognitivas, que envolvem as neurociências, a psicolinguística, a ciência da computação, dentre outras.

Partindo desse princípio, compreendemos que nossas experiências sensório-motoras e contextuais são decisivas para a formação da linguagem. Nesse sentido, a construção metafórica da linguagem é considerada um dos elementos primordiais para produzirmos discurso, uma vez que a metáfora é um constructo cognitivo, conceptual, cultural e neural (KÖVECSES, 2005).

1 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES-DS). E-mail: ricardo.yama@yahoo.com.br

2 Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL), Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: kanto_meu@yahoo.com.br

Em trabalhos recentes (SANTOS, 2011; SANTOS, 2011a), formalizamos uma categoria analítica chamada Bloco Construcional (BC), que nos permitiu analisar as construções metafóricas em um nível discursivo. As relações que envolvem a nossa corporalidade e o contexto cultural são descomprimidas e se tornam categorias perceptíveis de observação quando analisamos as metáforas primárias e as metáforas congruentes (GRADY, 1997; KÖVECSES, 2005).

Tais pesquisas nos propiciaram avançar nos estudos sobre o processo de construção da metáfora e, conseqüentemente, do discurso. A hipótese que levantamos é a de que o esquema LIGAÇÃO (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987) seria um esquema básico, funcionando como um elo entre domínios conceptuais e esquemas imagéticos.

A partir de análises que realizamos neste trabalho, pretendemos defender a proposta de que o esquema LIGAÇÃO é uma engrenagem cognitiva basilar e primordial para a construção de nossa linguagem. Para a realização desse objetivo, em um primeiro momento, falaremos sobre os esquemas imagéticos mais convencionais – LIGAÇÃO, OCM, CONTÊINER, ESCALA, PARTE/TODO, CENTRO/PERIFERIA (LAKOFF, 1987) e sobre os frames (MINSKY, 1974). Esses dois elementos conjuntos constituem o pareamento entre forma / significado (DUQUE; COSTA, 2012), que é a base de nossa construção cognitiva da linguagem. A partir da fusão desses elementos é que surgem as experiências metafóricas como o resultado da relação mente, corpo e cultura, como veremos na sequência. Dentre os esquemas, o LIGAÇÃO nos parece ser básico para a nossa capacidade de criar conexões entre domínios cognitivos, como veremos nos exemplos analisados.

2. ESQUEMAS IMAGÉTICOS

Os esquemas imagéticos são estruturas de nosso conhecimento armazenadas em nossa memória e relacionadas diretamente às nossas experiências sensorio-motoras e, portanto, relativas especificamente à espécie humana. As relações corpóreo-espaciais que mantemos com o meio circundante, tais como orientação, movimento, equilíbrio, forma etc. são fundantes dos esquemas imagéticos. Existem alguns esquemas mais recorrentes (LAKOFF, 1987). Seriam eles: 1) CONTÊINER, 2) PARTE/TODO, 3) LIGAÇÃO, 4) CENTRO/PERIFERIA, 5) ORIGEM/CAMINHO/META, e 6) ESCALA.

1) O esquema CONTÊINER trata exatamente da nossa experiência dentro/fora de determinados conteúdos, quando, por exemplo, entramos em nossa casa, quando saímos dela, ou ainda quando nos referimos à raiva contida em nós. Desse modo, temos a noção de contêiner, sendo possível um contêiner estar dentro de outro. Eu posso ser o contêiner de meus órgãos internos e, concomitantemente, a casa pode ser o contêiner que me abriga. Outro exemplo é encontrado na formulação do silogismo aristotélico: se “todo homem é mortal” e “João é homem”, deduzimos que “João é mortal”; temos, portanto, que “João está contido no conjunto dos homens” e “os homens estão contidos no conjunto dos mortais”. Esse entendimento é possível através da noção de esquemas imagéticos e metáforas. Vejamos o exemplo:

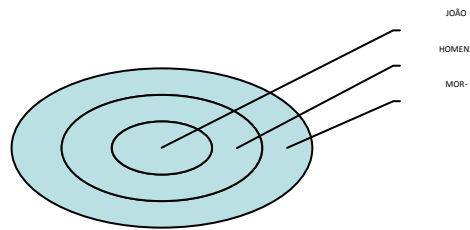


Figura 1: esquema CONTÊINER

João “entra” no conjunto dos homens, bem como os homens “entram” no conjunto dos mortais. Processamos o entendimento das categorias em nível de contêineres, ou seja, colocamos os conceitos dentro de recipientes, o que faz com que criemos a metáfora CONJUNTOS SÃO CONTÊINERES, pois é desse modo que construímos as experiências corporificadas. As coisas podem estar dentro ou fora do contêiner, sendo, portanto, construído um esquema imagético para essa compreensão.

2) O esquema PARTE/TUDO diz respeito ao modo como focalizamos as coisas, ou seja, de que modo objetos ou conceitos são compreendidos como parte/todo. Por exemplo, nosso corpo, composto por cabeça, tronco e membros, ou a nossa mão, composta por dedos. Vejamos a figura abaixo:

Fonte: Duque e Costa (2012, p. 82)

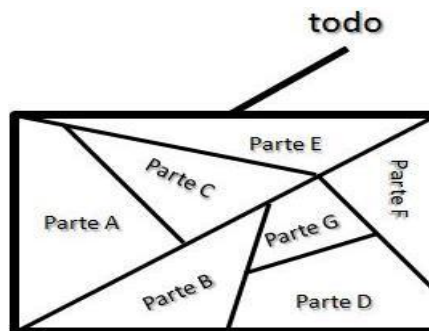


Figura 2 - esquema PARTE/TUDO

3) O esquema LIGAÇÃO trata do modo como conceptualizamos as coisas por intermédio de relações que realizamos entre elas, conforme evidenciaremos na Figura 3. Essas ligações podem estar relacionando diretamente os conceitos entre si, ou ainda relacionando-as a outros conceitos (DUQUE; COSTA, 2012). Uma criança ligada à mãe pelo cordão umbilical representaria uma ligação de dependência direta. Já usarmos um terno com uma gravata pode representar uma ligação com uma profissão, ou ainda a um evento social ou religioso, representando uma ligação entre os atributos.

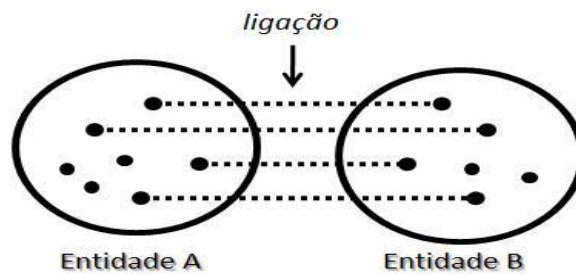


Figura 3 - esquema LIGAÇÃO

Isso significa que os atributos que são relacionados através do esquema LIGAÇÃO não são todos os atributos envolvendo as entidades, somente aqueles atributos que nos permitem realizar o *link*.

4) O esquema CENTRO/PERIFERIA diz respeito à maneira como manipulamos objetos, identificando seus aspectos (ou partes) centrais. A periferia mantém uma relação de dependência com o centro. A maneira como esse esquema é estruturado é ilustrada pela Figura 4. Por exemplo, utilizamos esses esquemas para distinguir pessoas mais importantes em uma festa, sentadas ao centro, enquanto as demais sentariam mais à periferia.



Figura 4- Esquema CENTRO/PERIFERIA

5) No esquema ORIGEM/CAMINHO/META, organizamos nossas experiências corpóreas através da relação que fazemos esquematicamente sobre um ponto de partida, uma trajetória e um ponto de chegada, conforme ilustrado na figura 5. Esse esquema envolve, diretamente, a noção de movimento no espaço, trajetória – que seria uma entidade ou atividade percorrendo o trajeto –, e a noção de direção. Podemos dizer, por exemplo, “estarei em minha casa, saindo agora do trabalho, em uma hora” – ORIGEM: trabalho; CAMINHO: o trajeto sendo percorrido; e META: minha casa, sendo o trajeto a própria pessoa. Ou ainda, dizer que “o tempo está passando e não terminamos o trabalho” – ORIGEM: início do trabalho; CAMINHO: desenvolvimento do trabalho; META: o término do trabalho, sendo o trajeto medido pela noção de tempo.



Figura 5- Esquema ORIGEM/CAMINHO/META

6) No esquema ESCALA, experienciamos as coisas do mundo como possuidoras de substâncias, que, por isso, passam a ser compreendidas, por exemplo, como maiores ou menores que as outras; bem como os fatos do cotidiano, que podem ter maiores e menores graus de intensidade. Associado à nossa orientação espacial, podemos dizer que “a inflação subiu mais do que o esperado pela equipe econômica”, o que evidencia uma escala quantitativa acerca da progressão inflacionária. O esquema ESCALA é ilustrado na figura abaixo:

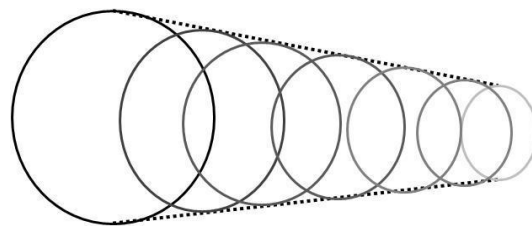


Figura 6 - Esquema ESCALA

2.1 Esquemas associados

Quando produzimos discurso, projetamos construções lexicais conjuntamente às construções semânticas oriundas de nossa experiência sociocognitiva, resultando no acionamento de domínios cognitivos que envolvem os esquemas imagéticos (LAKOFF, 1987). Assim, os esquemas imagéticos não podem ser entendidos dissociadamente, pois, a todo o momento, relacionamos essas experiências básicas.

Se pensarmos, por exemplo, que “entrar” sempre pressupõe uma relação experiencial de um corpo ou objeto que se locomove de um ponto a outro, bem como a noção de CONTÊINER, teremos, então, a base experiencial de esquemas imagéticos como as expostas nos exemplos anteriores. Relações como movimento, equilíbrio, orientação etc. são advindas de nossas atividades cotidianas, resultado de aspectos biológicos e sensorio-motores. Com isso, criamos esquemas imagéticos de nossas experiências como “Sérgio entrou em casa”, que pressupõe ORIGEM/CAMINHO/META, associado ao esquema CONTÊINER, como veremos no exemplo a seguir:

Fonte: Duque e Costa (2012, p. 86, adaptado de Bergen e Chang, 2003, p. 3)

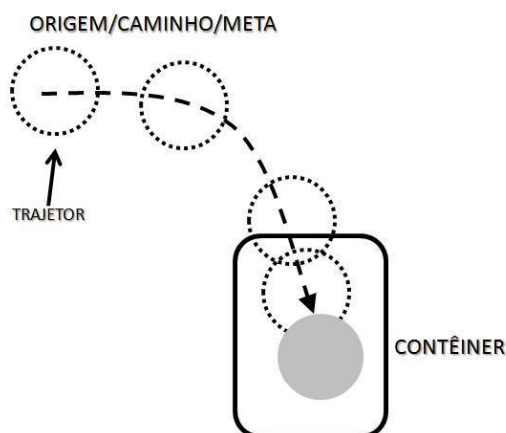


Figura 7: esquemas associados

O enunciado “entrar em casa” carrega uma projeção metafórica chamada por Lakoff e Johnson (1999) de “metáfora do contêiner” – ENTRAR EM ALGUM LUGAR É ENTRAR EM UM RECIPIENTE. Essa metáfora conceptual recupera as experiências atreladas à expressão evocada, como, por exemplo, em “entrou pelo cano”.

Já o enunciado “entrar pelo cano” não nos parece, de fato, ser algo “agradável” e, portanto, entrar pelo cano carrega uma carga semântica que desconstrói a compreensão do recipiente anterior para algo ruim, diferente de “entrar em casa”. Se “Sérgio entrou pelo cano”, automaticamente, criamos uma projeção conceptual que une os espaços do caminho ao recipiente de um modo que entendemos isso contextualmente como “Sérgio se deu mal”. Já se dissermos “entrar fundo na teoria”, temos a teoria como um recipiente, e estudar a teoria significa entrar nela; quanto mais fundo entrarmos, significa mais conhecimento adquirido. Ou seja, os esquemas imagéticos são experiências basilares, que nos auxiliam na realização de projeções metafóricas, metonímicas etc.

3. FRAMES

De um modo geral, podemos entender o *frame*, traduzido por “moldura”, como a macro relação da construção de um modelo cognitivo. Para Minsky (1974), o *frame* é uma estrutura que armazena dados sobre um ambiente, situações socioculturais etc. Por exemplo, quando vamos a um teatro, precisamos ter previamente uma compreensão do *frame* que compõe esse evento. Desse modo, as relações que envolvem o teatro são entendidas através de esquemas de base – imagéticos – conjuntamente com *slots*, que seriam espaços a serem preenchidos por elementos que compõem o determinado *frame*, como palco, plateia, atores etc.

De acordo com Duque e Costa (2012), existem quatro tipos de *frames*: cenário, script, conjunto de traços e taxonomia.

Retomando o exemplo anterior da peça de teatro, um cenário teatral corresponde à disposição em que ele se encontra, quais os elementos que o compõem e o formam

como um todo. O cenário funciona cognitivamente do mesmo jeito para nós. Organizamos os lugares que experienciamos como sendo cenários do cotidiano: uma sala de aula, um shopping, um bar etc. Teríamos os elementos que compõem esses cenários: carteiras, quadro negro e alunos, no caso da sala de aula; lojas, praça de alimentação e cinema, no caso do shopping, e mesas, garçons e cerveja, no caso do bar.

Conjuntamente ao cenário, processamos alguns esquemas básicos como CONTÊINER e PARTE/TODO. O esquema CONTÊINER nos auxilia na compreensão de que podemos entrar nos cenários, entender as partes e o todo na configuração deste, como um banheiro que fica ao lado da praça de alimentação em um shopping, bem como entender que um garçom pode compor um cenário referente a restaurante e, dificilmente, o cenário de uma sala de aula.

Já o *script* está relacionado ao esquema ORIGEM/CAMINHO/META, uma vez que ambos, tanto os *scripts* quanto o esquema, são compostos por um estado inicial, uma sequência e um estado final. Quando assistimos a uma peça de teatro, primeiro compramos os ingressos no guichê, depois esperamos liberarem a sala da peça, em seguida, ao liberarem, sentamos nos lugares disponíveis, assistimos à peça e, ao término, saímos. Os *scripts*, portanto, preenchem os *slots* do esquema ORIGEM/CAMINHO/META.

Os *scripts* são compostos por diversas cenas, normatizadas através de nossa experiência. O conjunto dessas cenas nos auxilia no modo como proceder em uma peça de teatro, por exemplo. A sequencialidade das cenas que acionamos, de acordo com cada momento, comprar ingresso, entrar na fila etc., condiz com o modo como organizamos linearmente esses eventos.

O conjunto de traços está relacionado às categorias pertencentes a cada cultura. Esse conjunto de traços evoca protótipos e estereótipos sociais para as categorias, formando *frames*. Assim, como vimos no exemplo do esquema CONTÊINER, as categorias seriam diretamente relacionadas a esse esquema, sendo que os elementos mais prototípicos estariam mais ao centro e os menos prototípicos mais à periferia, como no esquema CENTRO/PERIFERIA. Vale lembrar que essa distinção entre centro e periferia não remete à concepção de Rosch sobre a categorização, em que as categorias são formadas por elementos efetivamente mais prototípicos dentro de uma categoria, de acordo com as experiências culturais que vamos construindo.

Por fim, temos a TAXONOMIA, em que evocamos os esquemas PARTE/TODO e ESCALA, visto que a TAXONOMIA se refere ao modo como hierarquizamos as categorias, sendo que estas são distintas em seus níveis hierárquicos quando comparadas culturalmente. Como diz Feltes:

Podem-se citar como exemplos de modelos cognitivos taxonômicos os sistemas de classificação da zoologia, da botânica e outras áreas que operam com catalogação. Como modelos cognitivos, essas estruturas taxonômicas não referem diretamente um estado de coisas no mundo, um sistema ou uma hierarquia que precisa apenas ser capturada da realidade pelo aparato cognitivo. (FELTES, 2007, p. 141).

Podemos dizer, portanto, que os esquemas imagéticos nos auxiliam na compreensão de esquemas de base, sendo que os *frames* ditam as normas que compõem o “grande cenário” em que nos inserimos, bem como nos orientam no modo como devemos proceder em cada situação. Como no exemplo proposto por Duque e Costa

(2012), o esquema CONTÊINER nos auxilia na compreensão de que uma coisa pode estar inserida na outra: “o leite está na geladeira”. O *frame* faz com que processemos as informações de modo a procurarmos o leite na geladeira, ao invés de procurarmos no guarda-roupa. Em outras palavras, o *frame* nos auxilia a criar coerência para as experiências básicas de nosso cotidiano.

4. A RELAÇÃO ENTRE METÁFORA, CULTURA E EXPERIÊNCIA CORPÓREA

Dentre os diversos processamentos cognitivos que utilizamos para produzir/compreender a linguagem, a metáfora é, sem sombra de dúvida, merecedora de destaque. É por meio dela que conseguimos realizar analogias entre domínios conceituais, o que nos permite mapear domínios de acordo com seus atributos em comum (LAKOFF, 1993). Nosso trabalho sobre Blocos Construcionais – BCs – (SANTOS, 2011) nos possibilitou traçar um caráter discursivo aos estudos que realizamos sobre a metáfora. Pudemos evidenciar as relações que envolvem nossas experiências corpóreas, via aparelho sensório-motor (formação de esquemas imagéticos), por meio das metáforas primárias (GRADY, 1997), associadas a nossas experiências com o contexto cultural (formação de *frames*), por meio das metáforas congruentes (KÖVECSES, 2005). Essas relações envolvem a focalização pela qual perspectivamos os eventos e, consequentemente, os atributos de cada domínio ou esquema (BERGEN, CHANG, 2005) que estarão em evidência, por meio da *gestalt* (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987).

Para Lakoff (1987), uma *gestalt* é o modo como compreendemos os Modelos Cognitivos Idealizados – MCIs.³ Estamos a todo o momento realizando experiências de *gestalt* de acordo com a focalização que damos às experiências. Sendo assim, o termo *gestalt*, já tratado pela psicolinguística, tem uma delineação específica nos estudos da LC.

Por exemplo, a noção de PARTE/TODO que construímos tem um viés gestáltico. Quando analisamos a parte, podemos estar entendendo-a como o todo, bem como não entendemos o todo sendo, necessariamente, a soma de suas partes. As experiências, nesse sentido, podem ser direcionadas por pontos de vista distintos, já que cada experiência que realizamos carrega uma bagagem cognitiva, de acordo com as crenças, costumes etc. de cada um.

Podemos também relacionar as *gestalts*, ou ainda, entendê-las como instâncias de outras *gestalts*, incluindo o modo simbólico e cultural de inferência. Esse, digamos, mapeamento, pode ser parcial: podemos encaixar uma *gestalt* a outra, criar oposições

3 MCIs são “construtos idealizados porque, em primeiro lugar, não precisam se ajustar necessária e praticamente ao mundo. Isso se justifica pelo fato de que, sendo resultados da interação do aparato cognitivo humano (altamente corporalizado) e a realidade – via experiência –, o que consta num modelo cognitivo é determinado por necessidades, propósitos, valores, crenças etc. Em segundo lugar, podem-se construir diferentes modelos para o entendimento de uma mesma situação, e esses modelos podem ser, inclusive, contraditórios entre si. Os modelos, portanto, são o resultado da atividade humana, cognitivo-experencialmente determinada, são o resultado da capacidade de categorização humana” (FELTES, 2007, p. 89).

entre elas, interseccioná-las etc. Além disso, por ser fruto da experiência, a *gestalt* produz efeitos prototípicos, ou seja, efeitos que são mais esperados em determinada *gestalt*.

As *gestalts* possuem também propriedades de *background*, ou seja, existem *gestalts* de vários tipos: de movimento, táteis, linguísticas etc. No caso das *gestalts* linguísticas, elas podem ser do tipo gramatical, fonológica, pragmática, semântica e funcional. Isso requer entendermos que a *gestalt* é o resultado de um todo amplamente complexo. Os MCIs que construímos seriam resultados dessas *gestalts* realizadas por nós. Através da análise de uma *gestalt*, podemos realizar inferências. As noções de experiência e de *gestalt* comportam diversas modalidades, sejam linguísticas, corpóreas etc., pois, como dissemos anteriormente, linguagem, cultura e cognição caminham juntas no processo de produção de sentido.

Como Lakoff (1987) nos sugere, as *gestalts* são processos holísticos e possíveis de serem analisados. Não se trata de nuclearmos nossas experiências para compreendê-las. Devemos inferir possíveis pontos de vista, bem como entender a existência de outros pontos de vista distintos do nosso. É esse processo que nos auxilia na formação de modelos cognitivos representativos para as concepções culturais.

Para falarmos mais sobre nossa pesquisa, vejamos um trecho da música de Angelo e Thiago, “Nosso amor chegou ao fim”, que constitui um Bloco Construcional:

(1)

Acabou não dá mais pra viver sofrendo assim
Vá seguir o seu caminho vai ser melhor pra mim
Eu não quero mais me ver chorar
Eu não quero mais viver assim
Por favor vê se entenda

Nosso amor chegou ao fim

(Disponível em <<http://letras.terra.com.br/angelo-thiago/1350297/>>

Acesso em 03/11/2012).

Como vimos no trecho da música, Angelo e Thiago se utilizam de uma metáfora para compor esse fragmento: AMOR É ORIGEM/CAMINHO/META (OCM). Alguns atributos do domínio AMOR são relacionados ao esquema imagético OCM. AMOR passa a ser entendido como um trajeto, um caminho que pode ter início, desenvolver-se, continuar ou terminar.

Por se tratar de um relacionamento, essa conceptualização metafórica envolve sentimento. Na construção “não dá mais pra viver sofrendo assim”, o sofrimento pode ser relacionado ao atributo CAMINHO do esquema OCM. Desse modo, o sofrer pode desembocar no término da relação, “Acabou”. O fim do relacionamento passa a ser relacionado com o atributo META. Na sequência, temos outra construção: “Vá seguir o seu caminho vai ser melhor pra mim”. Nessa construção, os músicos sugerem que o relacionamento siga em outra direção, ou seja, siga para outro rumo. A focalização está no atributo CAMINHO, que evidencia o percurso sendo percorrido.

Nas construções seguintes, a focalização recai sobre a relação afetiva que envolve AMOR: “Eu não quero mais me ver chorar”; “Eu não quero mais viver assim”. Essas duas construções sugerem um mapeamento entre AMOR e o atributo CAMINHO. O fato de a pessoa “chorar” e não querer “viver assim” se relaciona ao CAMINHO pelo qual a relação está seguindo.

Por fim, a construção “Nosso amor chegou ao fim” evidencia o fim do CAMINHO, ou seja, o término da relação focaliza o atributo META. Outro atributo que envolve o esquema OCM refere-se ao TRAJETOR, ou seja, ao elemento ou ente que percorre o trajeto. No fragmento em tela, o TRAJETOR varia, ora sendo as pessoas da relação, “Vá seguir o seu caminho”, ora sendo o conceito AMOR, “Nosso amor chegou ao fim”.

A metáfora AMOR É OCM possui mapeamentos de metáfora primária, pois envolve a relação entre um domínio conceptual e um esquema imagético. Porém, considerando o contexto cultural em evidência, percebemos que existem outras metáforas relacionadas, que são chamadas de metáforas congruentes. Nesse caso, encontramos duas associações a AMOR: AMOR É ESTRADA e AMOR É SOFRIMENTO. A primeira estaria relacionada ao fato de entendermos a relação como estrada e a segunda ao fato de entendermos a relação como algo que traz sofrimento, associada diretamente com a relação afetiva. Embora a metáfora primária AMOR É OCM pareça ser AMOR É ESTRADA, não devemos confundir a relação entre domínio e esquema pertencentes à metáfora primária com a relação entre domínios pertencentes à metáfora congruente. Nesse caso, OCM refere-se a um esquema mental que acionamos quando ordenamos, cognitivamente, eventos e ações, que sugerem um começo, um meio e um fim. Nesse sentido, a analogia que realizamos com ESTRADA ou com SOFRIMENTO deriva da perspectiva cultural por nós adotada. Toda essa relação nos ajuda a construir o BC, que se alicerça discursivamente por meio dessas metáforas primárias e congruentes inter-relacionadas.

De acordo com resultados obtidos em nossas pesquisas (SANTOS, 2011, SANTOS, 2011a), o que fica evidente na formação de BCs é uma relação entre metáforas primárias e metáforas congruentes que constituem determinados fragmentos discursivos. Isso nos permite analisar o discurso como sendo constituído por diversos BCs.

O Bloco Construcional (BC) é alicerçado discursivamente. Nesse sentido, o discurso pode ser constituído por diversos BCs, sendo estes, por sua vez, constituídos por meio do pareamento entre forma e sentido, sendo o polo da forma associado às relações internas (definidas em função da maneira pela qual as sentenças são organizadas como partes de uma peça de discurso em relação umas com as outras), e o polo do sentido, associado às relações externas (definido em termos das relações pelas quais um discurso está imbricado aos contextos sociais e comunicativos). Baseados nisso, podemos dizer que um poema, como *Morte e Vida Severina*, é constituído por diversos BCs (SANTOS, 2011a, p. 1).

Essas pesquisas também fizeram com que chegássemos a levantar outras questões.

Ou seja, de acordo com nossos resultados, fica perceptível a relação entre o esquema LIGAÇÃO e os domínios conceptuais, como no caso do enunciado [...] que evoca a metáfora congruente TEMPO É DINHEIRO, também analisada por Lakoff e Johnson (1980 [2002]), em que entendemos o tempo como algo valioso, como dinheiro, o que nos permite realizar a analogia de “economizar dinheiro”. Dito de outra maneira, o que parece ser merecedor de

uma análise mais profunda é o fato de que o esquema LIGAÇÃO talvez seja o esquema mais básico dentre os esquemas (SANTOS, 2011a, p. 6).

Nesses termos, o que parece ser relevante é o esquema LIGAÇÃO como algo subjacente a nossa capacidade de construir metáforas e, acima de tudo, a nossa capacidade de relacionar domínios conceptuais, esquemas imagéticos, processamentos cognitivos etc. Por exemplo, quando eu digo que meu tio é engenheiro, associo os atributos do meu tio ao de um engenheiro por meio do esquema LIGAÇÃO. Mas se eu digo que meu tio é pai, desfazo a primeira LIGAÇÃO e refaço a do meu tio como sendo um pai. O esquema LIGAÇÃO seria, portanto, basilar para a nossa capacidade cognitiva de criar analogias.

5. O ESQUEMA LIGAÇÃO COMO ENGRENAGEM BÁSICA

No BC anteriormente analisado, como relacionamos cognitivamente as metáforas primárias e as metáforas congruentes? Muito provavelmente, através do esquema LIGAÇÃO. Nesse sentido, o esquema LIGAÇÃO passa a ser mais básico, inclusive, do que as metáforas primárias, pois ele seria o elemento de suporte às relações metafóricas. Considerando isso, a metáfora primária AMOR É OCM tem em sua base o esquema LIGAÇÃO para que estabeleçamos o *link* entre o domínio AMOR e o esquema imagético OCM. De acordo com Duque e Costa, considerando nossa corporalidade,

[...] nossa primeira ligação é estabelecida pelo cordão umbilical. O corte do cordão umbilical separa para sempre, o corpo da criança do corpo materno e deixa uma cicatriz, o umbigo, que marca o significado profundo dessa separação. A partir daí, passamos a buscar ligações para proteção ou segurança. Os elementos estruturais da LIGAÇÃO são duas entidades que se conectam [...]. O esquema LIGAÇÃO indica uma relação de dependência entre duas entidades (DUQUE; COSTA, 2012, p. 86)

Fonte: Duque e Costa, 2012, p.86

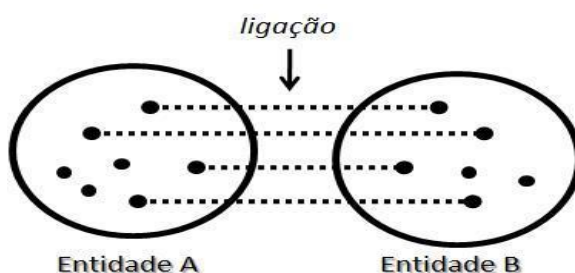


Figura 8 – esquema LIGAÇÃO

Na formação da metáfora congruente AMOR É ESTRADA, na música de Angelo e Thiago, o esquema LIGAÇÃO dá suporte à analogia que construímos entre os dois domínios. Podemos sistematizar as metáforas da seguinte forma:

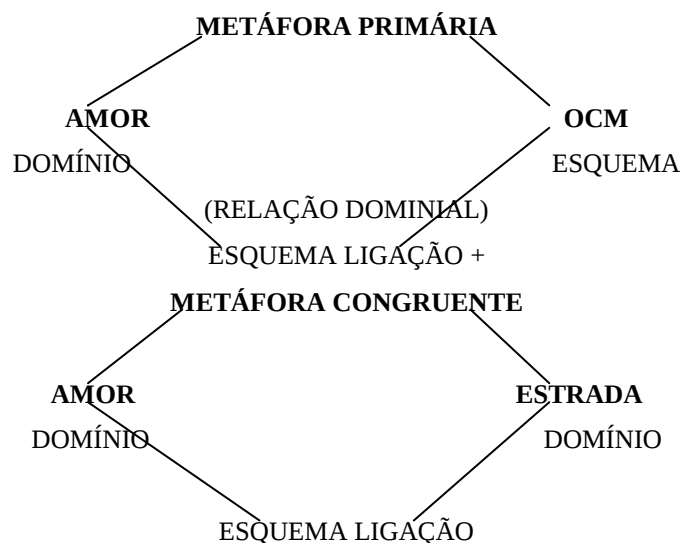


Figura 9 – metáforas e a relação com o esquema LIGAÇÃO

Através dos exemplos, percebemos que o esquema LIGAÇÃO está implícito à construção metafórica, atuando como uma engrenagem cognitiva que nos permite relacionar domínios entre si, no caso da metáfora congruente, e domínios a esquemas, no caso da metáfora primária. A relação que realizamos entre essas duas metáforas cria uma rede de integrações (OAKLEY; GRADY; COULSON, 1999), subsidiada também pelo esquema LIGAÇÃO, como na relação acima.

Como dito em trabalho anterior (SANTOS, 2011), conseguimos relacionar um quadro de metáforas primárias e congruentes sobre os conceitos de VIDA e MORTE, no poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto (2000), que constituem BCs, sendo que na relação das metáforas congruentes que envolvem domínios conceptuais entre si, como, por exemplo, MORTE É ENTIDADE (SANTOS, 2011), a metáfora primária era constituída pelo esquema LIGAÇÃO, como em MORTE É LIGAÇÃO.

Porém, aprofundando um pouco mais nossas análises, evidenciamos outro esquema. Vejamos o BC (2):

(2)

[...]
 só a morte vejo ativa,
 só a morte deparei
 e às vezes até festiva;
 só a morte tem encontrado
 quem pensava encontrar vida.
 (MELO NETO, 2000, p. 52)

O BC envolve a metáfora primária MORTE É TRAJETOR-MARCO (LANGACKER, 1987), que nos permite construir a metáfora congruente MORTE É ENTIDADE. O esquema TRAJETOR-MARCO, formulado por Langacker (1987) e, posteriormente, refinado por Bailey (1997), Narayanan (1997), Bergen e Chang (2005), refere-se à construção de uma relação assimétrica espacial envolvendo um trajetor, cuja orientação, localização ou movimento são definidos de acordo com um marco. Essa relação é considerada um subcaso do esquema OCM por evocar um atributo deste, que,

no caso, seria o TRAJETOR. Por exemplo, quando digo “a luz foi acesa por mim”, envolve um TRAJETOR, evidenciado em “por mim”, que, no caso, é uma pessoa. O trajeto é compreendido por meio da ação de movimento em que a luz “foi acesa”, sendo, portanto, evidenciado o atributo de META do esquema OCM, através da concretização da ação. Vejamos agora a sistematização da construção metafórica MORTE É TRAJETOR-MARCO.

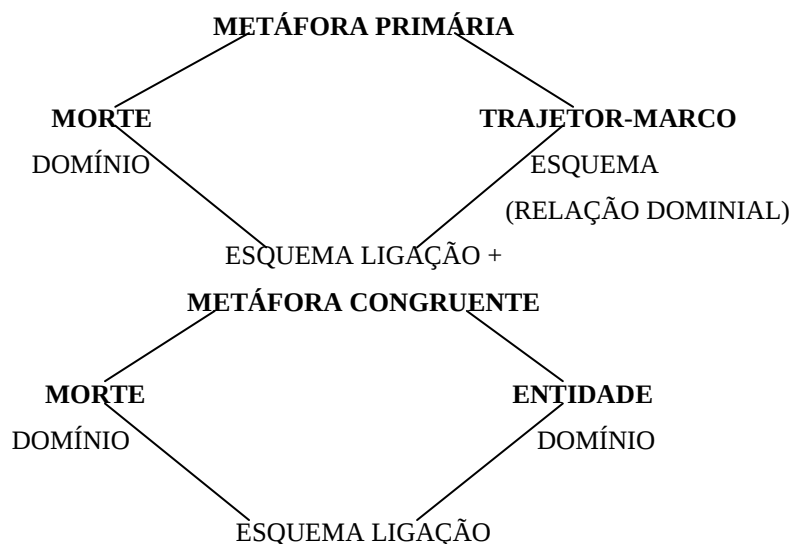


Figura 10 – metáforas e o esquema LIGAÇÃO

O esquema TRAJETOR-MARCO passa a ter como TRAJETOR uma pessoa, e o MARCO passa a ser o PERCURSO, que tem como META o encontro com a MORTE, uma vez que a assimetria entre os esquemas envolve um objetivo, ou, nesse caso, um marco a ser atingido. Nas construções, temos como MARCO “ativa”, “deparei”, “festiva”, “encontrado”, sendo que nos três primeiros marcos, o atributo realçado do esquema OCM é a META, ou seja, o objetivo final, que é o encontro com a MORTE, é focalizado, e no último MARCO, o atributo evidenciado é o CAMINHO, pois, “só a morte tem encontrado” envolve uma ação contínua, que não termina. Como no exemplo anterior, percebemos ambas as metáforas sendo alicerçadas pelo esquema LIGAÇÃO, o que reforça nossa hipótese de que esse esquema é a engrenagem básica para a construção metafórica.

6. OS ESQUEMAS ASSOCIADOS E O ESQUEMA LIGAÇÃO

Vejamos o quadro que apresentamos em nossa dissertação referente aos BCs relacionados às metáforas primárias e congruentes analisadas no poema *Morte e Vida Severina*:

Quadro 1 – metáforas primárias e metáforas congruentes

Metáforas primárias	Metáforas congruentes
BC 1: VIDA É LIGAÇÃO / MORTE É LIGAÇÃO – VIDA É PARTE/TODO / MORTE É PARTE/TODO	BC 1: SUJEITO SERTANEJO É MODO DE VIDA / SUJEITO SERTANEJO É MODO DE MORTE
BC 2: MORTE É ORIGEM/CAMINHO/META	BC 2: MORTE É PARTIDA
BC 3: MORTE É LIGAÇÃO	BC 3: MORTE É ENTIDADE
BC 4: MORTE É LIGAÇÃO	BC 4: MORTE É ALGO PLANTADO
BC 5: MORTE É CONTÊINER	BC 5: MORTE É MORADIA
BC 6: VIDA É LIGAÇÃO / VIDA É CONTÊINER	BC 6: VIDA É FOGO
BC 7: VIDA É ORIGEM/CAMINHO/META – VIDA É CONTÊINER	BC 7: NASCIMENTO É ENTRAR EM UM RECIPIENTE
BC 8: VIDA É LIGAÇÃO / VIDA É ESCALA	BC 8: VIDA É FÁBRICA

(Fonte: Santos, 2011, p.74)

Em alguns BCs, pudemos perceber a ocorrência de esquemas associados (BERGEN, CHANG, 2005). Esses esquemas são associados por meio de mapeamentos que permitem relacioná-los, construindo, desse modo, o sentido. Vejamos o exemplo (3):

(3)

[...]
*não sabeis que vosso filho
saltou para dentro da vida?
Saltou para dentro da vida
ao dar o primeiro grito;*
(MELO NETO, 2000: 72)

Nesse BC, existem duas metáforas primárias inter-relacionadas: VIDA É OCM e VIDA É CONTÊINER. Quando o narrador diz que o filho “saltou para dentro da vida”, essa relação aciona dois esquemas, “saltou”, que envolve um trajeto, e “para dentro da vida”, que relaciona o trajeto a um recipiente, no caso, a vida. Assim, VIDA passa a ser entendida, ao mesmo tempo, como OCM, quando podemos inferir a vida como um trajeto, saltar de um lugar ao outro, e, ao mesmo tempo, a vida como sendo um recipiente, CONTÊINER, “para dentro da vida”, ou seja, a vida é um recipiente em que podemos entrar. Isso faz com que acionemos uma metáfora congruente, NASCIMENTO É ENTRAR EM RECIPIENTE. Vejamos a sistematização dessa metáfora:

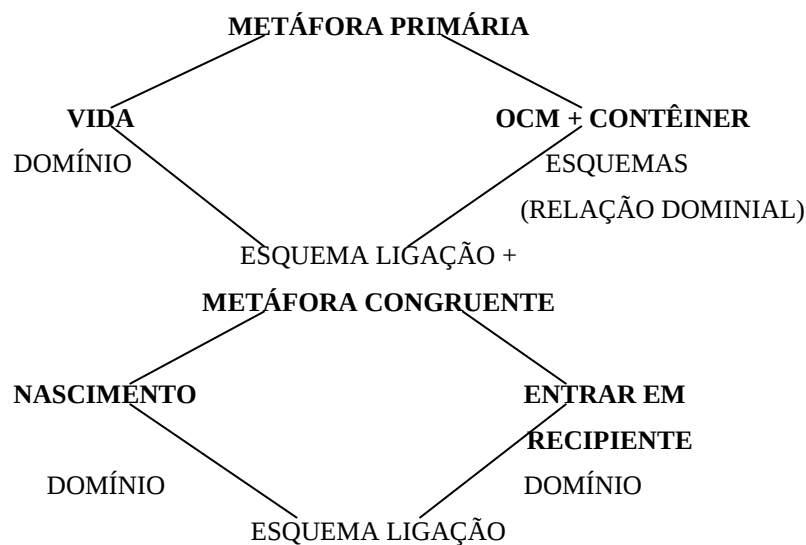


Figura 11 – metáforas e o esquema LIGAÇÃO

O que nos permite relacionar o esquema OCM, o esquema CONTÊINER e ambos ao domínio de VIDA? Com certeza, o esquema LIGAÇÃO, que embora não esteja evidenciado, constitui-se como uma engrenagem cognitiva que nos permite associar domínios e esquemas por meio de atributos. O esquema OCM é associado ao CONTÊINER, não em sua totalidade, mas por terem atributos que se relacionam. Quando eu digo “saltou para dentro da vida”, a relação entre o esquema OCM e o esquema CONTÊINER envolve o atributo META, evidenciado em “saltou”, e o CONTÊINER, “para dentro da vida”. Toda essa relação que envolve mapeamento entre atributos é construída pelo esquema LIGAÇÃO. Isso o torna um esquema mais básico que os demais.

7. O PADRÃO DISCURSIVO E AS RELAÇÕES ENTRE OS BCS

O Padrão Discursivo (PD) é formado por dois polos: o polo da forma, definido em função da maneira pela qual as sentenças são organizadas como partes de uma peça de discurso em relação umas com as outras, e o polo do sentido, definido pelas relações externas que envolvem os contextos (ÖSTMAN, 2005; DUQUE, COSTA, 2012). Esses dois polos são indissociáveis para a construção discursiva. Nesses termos, um poema, uma narrativa, uma receita etc. formam um Padrão Discursivo.

Segundo Östman e Fried (2005, p. 121), os “padrões que podem existir para a combinação de sentenças em estruturas maiores”, Padrões Discursivos (*Discourse Patterns*), são compreendidos em consonância com a abordagem da gramática de construções, uma vez que representam propriedades linguísticas específicas que os colocam “em pé de igualdade” com os padrões convencionalizados conhecidos como *gramática*.

De acordo com Fernandes (2006), o gênero é um padrão discursivo disponível no léxico, que aciona uma rede de construções. Trata-se de um padrão que implica, necessariamente, o pareamento entre forma (envolvendo sequências textuais, escolhas lexicais e sintáticas) e sentido (semântico-pragmática). Essa relação entre forma/sentido é realizada conjuntamente quando produzirmos discurso ou quando o compreendemos.

Assim, a abordagem mais recente da Gramática de Construções Corporificada (GCC – BERGEN; CHANG, 2005) traz questões fundamentais para pensarmos os padrões discursivos.

1. Seu formalismo foi construído ao lado de um mapeamento detalhado do formalismo de estruturas neurais computacionais. A incorporação é realizada através da fundamentação neural;
2. a GCC foi concebida para formar um núcleo de compreensão da linguagem computacional e sistemas de produção e, como tal, deve ser explícita o suficiente para servir a fins de processamento da linguagem, em vez de conhecimentos linguísticos simples; e
3. a GCC incorpora mecanismos linguísticos como esquemas imagéticos, *frames*, projeções metafóricas e metonímicas, espaços mentais, e mescla em suas estruturas gramaticais, permitindo os diferentes mecanismos de interface naturalmente.

A GCC é corporificada, pois suas estruturas parametrizam simulações de atividades com base nos esquemas motores e de percepção (BERGEN; CHANG, 2003). A GCC é baseada em construções, uma vez que sua unidade linguística básica é uma *construção*, ou par forma/sentido, sendo o polo da forma associado às relações internas (definidas em função da maneira pela qual as sentenças são organizadas como partes de uma peça de discurso em relação umas com as outras), e o polo do sentido, associado às relações externas (definido em termos das relações pelas quais um discurso está imbricado aos contextos sociais e comunicativos).

Também é baseada em restrições, porém, essas restrições estão em todas as dimensões (do fonológico ao discursivo) e são expressas através de uma gramática formalizada, dentro da perspectiva da corporalidade. A formalização é, portanto, fruto da conceptualização de esquemas e *frames*.

Baseados em Bergen (2007), apresentamos no Quadro 2 os quatro tipos de corporificação, associando-os aos modos como a gramática de construções é corporificada.

Quadro 2 – tipos de corporificação e GCC

Tipos de corporificação	Postulados	Gramática de Construções Corporificada
Corporificação neural	O modo como o cérebro é estruturado pode ter efeito sobre a linguagem.	Seu formalismo pode ser mapeado por arquiteturas neurais.
Corporificação experiencial	As experiências particulares de um indivíduo têm algum efeito sobre a linguagem.	A apreensão das construções se dá por meio da exposição à linguagem em um dado contexto social e físico.
Corporificação social	Os objetivos dos grupos sociais (dentro dos quais a linguagem se apresenta) e os contextos sociais (nos quais a linguagem é usada) têm algum efeito sobre a linguagem.	Deve-se considerar a interface entre representações de falantes diferentes, crenças, desejos e enunciados prévios de outros interlocutores.

Corporificação corpórea	As características do corpo humano têm algum efeito sobre a linguagem.	É construída para ser realizada em um sistema computacional que realize tarefas da linguagem real, como compreender, produzir e traduzir, usando mecanismos internos similares aos do corpo humano.
--------------------------------	--	---

É através da corporalidade que a gramática se molda. Toda a relação experiencial nos auxilia na formação de domínios cognitivos fundamentais para a produção discursiva. Assim, os Padrões Discursivos são, antes de tudo, formações constituídas da relação entre nossos aspectos biológicos e cognitivos, fundamentais para a formação de nossa linguagem.

Como dissemos anteriormente, o BC se constitui por meio do pareamento entre forma e sentido, sendo que o BC é uma categoria analítica no interior do PD. Nesse sentido, um PD é constituído por diversos BCs.

Vejamos um parágrafo envolvendo dois BCs:

Não consegui defender meu argumento. A banca conseguiu eliminar todas as minhas possibilidades de defesa. Mas, mesmo assim, acho que um dia eu chego lá. Quero agora saber de você, se tem conseguido economizar seu tempo sem fazer besteira e estudar! (SANTOS, 2011a, p. 5).

A análise desse parágrafo nos permitiu a identificação de dois BCs sendo relacionados em um mesmo parágrafo.⁴ No primeiro BC, destacado em negrito, temos como metáfora primária DISCUSSÃO É OCM e como metáfora congruente DISCUSSÃO É GUERRA, sendo o esquema LIGAÇÃO responsável pelo *link* entre as metáforas, como vimos anteriormente. No segundo BC, evidenciamos como metáfora primária TEMPO É LIGAÇÃO, como metáfora congruente TEMPO É DINHEIRO e o esquema LIGAÇÃO na relação entre as metáforas.

A hipótese que aventamos é a de que o esquema LIGAÇÃO seja também responsável pela relação analógica que construímos entre os BCs. Por ser uma engrenagem cognitiva que nos permite relacionar atributos entre domínios, existe a possibilidade de que esse esquema imagético nos permita criar a coerência em um discurso. Nesse sentido, poderíamos sistematizar a relação entre BCs da seguinte forma:

(4.1)

Não consegui defender meu argumento. A banca conseguiu eliminar todas as minhas possibilidades de defesa. Mas, mesmo assim, acho que um dia eu chego lá. + ESQUEMA LIGAÇÃO + Quero agora saber de você, se tem conseguido economizar seu tempo sem fazer besteira e estudar!

Trabalhos realizados por Giezi Alves de Oliveira, orientados pelo professor Paulo Henrique Duque, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), buscam uma relação entre BC e Modelos Situacionais (GRAESSER, MILLIS,

⁴ Para uma análise mais detalhada, Santos (2011a).

ZWAAN, 1997). Esses modelos consideram relações como tempo, espaço, perspectiva da protagonista, causa e intencionalidade. Tais relações, associadas às metáforas, resultam naquilo que chamamos de uma análise mais fina do BC e podem ser objeto de análise para pesquisas futuras.

Nesse sentido, o que pretendemos ressaltar nos BCs do exemplo (4) é que, ao atribuímos sentido ao BC por meio do modelo de situação que vai sendo construído conjuntamente às metáforas, criamos um elo que pode ser relacionado a outro BC. A perspectiva da protagonista, em um primeiro momento, ressaltando uma ação que foi realizada por ela mesma em um contexto específico, defesa de tese, cria uma coerência metafórica e contextual. Em um segundo momento, essa perspectiva da protagonista recai sobre outra personagem, inclusive com uma temporalidade que envolve ação no presente, estudar. Isso significa que os BCs são inter-relacionados graças à coerência existente nessa sequência. Isso nos permite inferir que o esquema LIGAÇÃO seja o possível elo de construção da progressão discursiva.

8. CONCLUSÕES

Pretendemos ter deixado clara a importância do esquema LIGAÇÃO para a construção metafórica e, por conseguinte, para a formação discursiva. Uma análise que considera as metáforas como construtoras discursivas pode trazer contribuições significativas para os estudos sobre os processos cognitivos de construção do sentido, pois, como pudemos observar neste trabalho, BCs são formações cognitivas que envolvem metáforas primárias e congruentes, sendo que as metáforas primárias resultam, basicamente, das experiências corpóreas e, do mesmo modo, as metáforas congruentes resultam das experiências culturais.

De acordo com os resultados divulgados neste artigo, a capacidade de relacionarmos metáforas culturais e corpóreas se deve ao esquema LIGAÇÃO. Tal esquema seria uma espécie de engrenagem cognitiva que nos permite associar domínios conceptuais a esquemas imagéticos, ou seja, ele seria o elemento responsável pela nossa capacidade de relacionar esquemas e *frames*. Além disso, o esquema LIGAÇÃO é imprescindível para relacionarmos BCs, uma vez que a coerência progressiva depende da relação entre os elementos que compõem o discurso, necessitando de uma analogia para momentos em que, por exemplo, uma metáfora deixe de ser acionada para que acionemos outra e, dessa forma, possamos construir outro BC. Da mesma forma acontece quando analisamos os Modelos Situacionais e percebemos uma mudança de perspectiva, seja através do tempo, espaço, da perspectiva da protagonista etc.

Portanto, o esquema LIGAÇÃO seria um elemento básico de nossa capacidade cognitiva, permitindo-nos criar coerência por meio da construção de nossa linguagem. Dito de outro modo, as ferramentas mentais que utilizamos, metáforas, metonímias etc., estão intimamente imbricadas ao esquema LIGAÇÃO.

REFERÊNCIAS

- BAILEY, David Robert. *When Push Comes to Shove: A Computacional Model Motor Control in the Acquisition of Actions Verbs*. (Ph.D). Dissertation - Computer Science Division, University of California Berkeley, 1997.
- BERGEN, Benjamin; CHANG, Nanci. Embodied Construction Grammar in simulation-based language understanding. In: ÖSTMAN, Jan-Ola; FRIED, Mirjam (Orgs.). *Construction Grammar(s): cognitive and cross-language dimensions*. John Benjamins, 2005. Disponível em <http://www.icsi.berkeley.edu/NTL/papers/ecg-tr-02-004.pdf>. Acesso em 15 jan. 2012
- DUQUE, Paulo Henrique; COSTA, Marcos Antônio. *Linguística Cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências*. Natal: EDUFRN, 2012.
- FELTES, Heloisa Pedroso Moraes. *Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.
- GRADY, Joseph; OAKLEY, Todd; COULSON, Seana. Blending and metaphor. In: STEEN, G.; GIBBS, R. W. Jr. (Eds.). *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Philadelphia: John Benjamins, 1999. p. 101-124.
- GRADY, Joseph Edward. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. Tese (PhD) - University of California at Berkley, Departament of Linguistics, Berkley, 1997.
- GRAESSER, Arthur C.; MILLIS, Keith K.; ZWAAN, Rolf A. Discourse comprehension. *Annual Review of Psychology*, v. 48, p. 163-189, 1997.
- JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor in culture: universality and variation*. Cambridge University Press, 2005.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. University of Chicago Press, 1980.
- _____. *Philosophy in the Flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, Andrew. (Ed.). *Metaphor and thought*. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 1993, p. 202-251.
- LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. University of Chicago Press, 1987.
- LANGACKER, Ronald Wayne *Foundations of cognitive grammar: Theoretical Prerequisites*. Stanford, California: Stanford University Press, 1987.
- MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MINSKY, M. A. *Framework for representing knowledge*: A. I. Memo 306. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 1974.

NARAYANAN, Srin. *Embodiment in language understanding*: sensory-motor representations for metaphoric reasoning about event descriptions. (PhD) Dissertation - Department of Computer Science, University of California, Berkeley, 1997.

ÖSTMAN, Joan Ola; FRIED, Mirjam (Orgs.). *Construction grammar(s)*: cognitive and cross-language dimensions. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

SANTOS, Ricardo Yamashita. *Construções metafóricas de vida e morte*: cognição, cultura e linguagem. Dissertação de mestrado. Biblioteca Central do campus. UFRN, 2011.

_____. O conceito de Bloco Construcional como ferramenta analítica nos estudos cognitivos da linguagem. In: *Anais do XII SILEL*, v. 2, n. 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

Recebido em: 06/11/2012

Aceito em: 04/04/2013

Versão revisada recebida em: 09/04/2013

Publicado em: 14/06/2013

The image schema LINK as basic element in the construction of metaphor: An analysis by Buildings Blocks

ABSTRACT: *The purpose of this article is to propose an analysis of metaphor anchored in the proposed Lakoff and Johnson's Embodied Mind (LAKOFF; JOHNSON, 1999). From this theoretical assumption, our experience with the world through our sensory-motor apparatus, enables us to create image schemas, which are made using the relationship between body and environment, and frames, made by our experiences at events cultural. Among the schemes which are the pictorial metaphor, the LINK scheme seems to us to be hypothetically essential for its construction. We propose an analysis that involves this theoretical construct, noting poems and songs, as well as some statements. For this analysis, we used Building Blocks (BBs) which are constituted by certain bits of the speech.*

KEYWORDS: *metaphor, image schemes; frames; embodiment.*